

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED

**PRISCILA BIÃO PARANÁ FERREIRA**

**Educação e Violência: Ser Professor é uma  
Profissão de Risco?**

Salvador  
2011.1

PRISCILA BIÃO PARANÁ FERREIRA

## **Educação e Violência: Ser Professor é uma Profissão de Risco?**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Cleverson Suzart

Salvador  
2011.1

FERREIRA, Priscila Bião Paraná. Educação e Violência: Ser Professor é uma Profissão de Risco? Trabalho de conclusão de curso – TCC (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2011.

## RESUMO

A sociedade moderna vem sofrendo diversas transformações nos níveis, social, político e econômico. A configuração de família se reestruturou de forma bastante diferente da anterior, os pais estão cada vez mais ausentes e com isso se configurou outro ritmo de vida familiar. Valores e relações deixaram de serem construídas sob o tripé família, escola e sociedade. A partir deste contexto, se faz necessário a compreensão do fenômeno da violência, e em especial da violência escolar, tendo em vista sua complexidade e crescimento na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Violência, violência escolar, Bullying e Violência Contra Professor.

## Abstract

Modern society has been undergoing several changes in the levels, social, political and economic. The configuration of the house is restructured in a way quite different from before, parents are increasingly absent and it is configured with a different rhythm of family life. Values and relations are no longer built on the tripod family, school and society. From this context, it is necessary to understand the phenomenon of violence, particularly school violence, given its complexity and growth in our society.

## SUMÁRIO:

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	05
<b>1. A VIOLÊNCIA HOJE</b> .....	<b>07</b>
1.1. O QUE É VIOLÊNCIA.....	08
1.2. TIPOS DE VIOLÊNCIA.....	11
<b>2. HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR</b> .....	<b>14</b>
2.1. EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL COLONIAL.....	14
2.2. INSTRUÇÃO ELEMENTAR NO SÉCULO XIX.....	15
2.3. NEGROS E EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	16
2.4. A EDUCAÇÃO DE IMIGRANTES NO BRASIL.....	18
2.5. PALMATÓRIA.....	19
<b>3. POSSÍVEIS CAUSAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR</b> .....	<b>20</b>
3.1. VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA PARTICULAR.....	22
3.2. VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA PÚBLICA.....	24
<b>4. SER PROFESSOR É UMA PROFISSÃO DE RISCO</b> .....	<b>26</b>
4.1 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SOFRIDA POR PROFESSORES.....	28
<b>4.1.1. Absenteísmo trabalhista e abandono da profissão</b> .....	<b>28</b>
<b>4.1.2. As doenças dos professores</b> .....	<b>30</b>
4.2 PROFESSORES VÍTIMAS DA PROFISSÃO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
ANEXOS.....	35
REFERÊNCIAS.....	40

## **INTRODUÇÃO:**

Constantemente é veiculada na mídia a crise vivenciada pela instituição escolar, a violência dentro de suas estruturas, e principalmente a violência sofrida pelos professores inseridos nas instituições escolares. Nesse contexto, este trabalho tem como finalidade entender e analisar a violência sofrida pelo professor e suas consequências, nas instituições públicas e particulares de ensino.

Outro ponto relevante para a realização deste estudo foi a vivência da minha profissão (educadora) e contato com professores vitimados frequentemente pela violência de seus próprios alunos no exercício do seu trabalho. Sendo assim muitos questionamentos me foram levantados referentes a esta temática.

Dessa forma, para realizar este estudo serão de grande importância à compreensão do fenômeno da violência, suas causas e consequências, contextualizando-as historicamente.

Falar da violência é algo complexo devido a sua amplitude, é uma realidade milenar, desde a Idade Antiga até a Contemporânea. Ela não se limita a uma só classe social, está presente em todas as classes. No entanto é mais evidenciada nas camadas populares onde o grau de escolarização é mais baixo. A violência, nas suas variadas formas, está presente e crescente em todos os segmentos da sociedade; dentro de casa, nas ruas, em festas e principalmente nas escolas. Segundo Odalia, “Essa violência, qualquer que seja sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas... Ela se estende do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem...”.

Sendo assim, percebemos a violência na comunidade ao redor da escola, dos alunos entre si, e principalmente a violência sofrida pelos professores nas instituições escolares. Existem pontos cruciais para o crescimento dessa violência, daí a sua complexidade.

O perfil da família brasileira e em quase todo o mundo mudou. Pais que passam o dia todo fora para garantir o sustento da família acabam sendo ausentes no crescimento e consolidação da personalidade de seus filhos. Estes pais se isentam do papel de pais e acabam delegando suas responsabilidades às escolas. Estas crianças acabam crescendo sem a mínima noção de educação e respeito perante a sociedade, e acabam muitas vezes por cometer atos violentos quando são inseridas no universo escolar.

Ao mesmo tempo, a instituição escolar passa por uma crise de identidade, ela muitas vezes não sabe qual é seu papel nesse contexto atual da sociedade, e quando sabe não encontra meios para exercê-lo. A maioria das escolas não

possui estrutura física adequada para o ensino. Os professores são jogados nas salas de aulas sem um preparo adequado recebendo um salário de fome. Deparam-se com situações totalmente adversas, sofrem diversos tipos de violência e acabam por apresentar consequências.

A violência na escola é um tema complexo, pois existem muitos pontos internos e externos da escola que influenciam este quadro. A fim de contribuir com a temática da violência contra o professor, o presente trabalho vem debater os pontos influentes no crescimento da violência contra o professor, analisar suas causas e consequências e propor políticas para o enfrentamento e contenção da mesma. Além disso, o presente trabalho trará depoimento de professores sobre a violência vivida no seu cotidiano.

O primeiro capítulo traz uma abordagem do que se trata o complexo fenômeno da violência, buscando uma possível definição. Ainda nele podemos perceber a situação atual da violência, onde ela se esconde e se manifesta bem como suas formas de manifestação.

Já o segundo capítulo apontamos uma breve retrospectiva histórica da educação onde podemos perceber a presença da violência, independente da sua forma de manifestação. Alguns momentos históricos da educação foram tomados como base para a construção do parágrafo.

As possíveis causas da violência escolar é a responsável pelo terceiro capítulo. Nele colocamos a realidade da violência na escola particular e pública dos pais trazendo suas principais e possíveis causas apontadas em pesquisas, e na visão dos atores inseridos neste ambiente.

No quarto e último capítulo serão abordado às consequências físicas e psicológicas da violência sofrida pelos professores. Bem como notícias de jornais, que apontam para o crescimento desta violência na escola que ainda não possui sua devida atenção. Aspectos jurídicos também serão contemplados neste capítulo, e a grande questão se “Ser Professor é uma Profissão de Risco?” será finalizada.

## 1. A VIOLÊNCIA HOJE

O mundo contemporâneo está pautado pelo modelo econômico do capitalismo. O capitalismo, como é sabido por nós, está presente na sociedade há séculos, porém se consolidou de forma mais marcante a partir de alguns momentos de grande mudança no cenário mundial, a exemplo da Revolução Industrial (século XVIII). Este modelo econômico estimula um mercado competitivo e acumulação de capital. Todos os indivíduos inseridos nele têm de acompanhá-lo para assegurar sua sobrevivência de forma saudável e digna.

Com a necessidade de expansão deste modelo econômico no mundo, surge como fruto deste processo de expansão, a globalização. A globalização é um dos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política. Segundo Ruiz Manoel, o conceito globalização surgiu em meados da década de 1980, a qual vem a substituir conceitos como internacionalização e transnacionalização, porém se voltarmos no tempo podemos observar que se trata de uma prática muito antiga.

Como é sabido por nós, apesar de ser uma prática antiga, a globalização se consolidou ao longo do tempo portando muitos pontos positivos e negativos. Além de ser uma excelente ferramenta de disseminar conhecimentos e informações, a globalização trouxe influências nos modelos educacionais no Brasil e em toda a América Latina.

Por outro lado, a globalização, ao disseminar o capitalismo, importou para as diversas sociedades a necessidade de consumo muitas vezes exagerado. A sociedade contemporânea exige cada vez mais que as pessoas trabalhem mais e estejam menos tempo em casa, com suas famílias devido a necessidade de consumo das mesmas. Os valores da sociedade também mudaram, porém, em muitos casos para pior. O mundo contemporâneo exige uma mudança no perfil da família brasileira. Pais que passam o dia todo fora para garantir o sustento da família acabam sendo ausentes no crescimento e consolidação da personalidade de seus filhos.

A sociedade trouxe com ela disseminação de um mal conhecido e até vivenciado por todos nós, a violência. Segundo Odália, ela se estende do centro a periferia das cidades e seus longos braços a tudo a todos envolvem. Infelizmente a violência está presente e crescente em diversos segmentos da sociedade, nas ruas, dentro das casas e nas escolas, ninguém está livre dela.

A violência, nos seus mais variados tipos hoje é um dos grandes males da sociedade e se não o pior deles. Possui inúmeras causas, e vítima milhares de pessoas, todos os anos, independente de classe social e local. A violência é uma certeza de causas pouco conhecidas, e que já tem se configurado nas

mais diversas modalidades. Ela pode ser física, verbal e moral e hoje, com o avanço tecnológico já existe até com o cyberbullying, a violência realizada por meio da internet. Nem a distancia e muros altos das casas podem proteger.

### 1.1. O QUE É VIOLÊNCIA

Constantemente, temas como agressividade e violência são noticiados nos veículos de comunicação. Isso pode ter ocorrido devido ao aumento da violência, ou simplesmente pelo fato de estar sendo mais fortemente disseminado na mídia em todo o mundo. Segundo CHESNAIS, 1999, p59, Ora a televisão faz, a cada dia, apologia do dinheiro e da violência: os assassinos são apresentados como heróis dos tempos modernos. Há um monopólio dos produtores e uma ausência do controle dos consumidores, submetidos a uma enxurrada de imagens sangrentas. O império da mídia banaliza a violência.

Compreendendo essa perspectiva da mídia sobre violência, porém não se atendo a este fato num primeiro momento, se faz necessário compreender o que é a violência. Antes de tudo é importante buscar compreender o significado de agressividade e a violência, partindo do pressuposto que ambas estão intimamente ligadas e presentes no nosso cotidiano.

Segundo Freud (1980), a agressividade é um impulso nato, essencial a sobrevivência, à defesa e à adaptação dos seres humanos. Dentro dessa perspectiva, podemos entender a agressividade como um importante instinto humano necessário a manutenção da sobrevivência humana, uma espécie de instinto protetor.

Com o passar do tempo às sociedades passaram a ter uma nova roupagem bem diferente da anterior, da mesma forma que a relações estabelecidas entre os indivíduos inseridos na mesma. Dessa forma agressividade instintiva aos seres humanos antes vista como “boa” e necessária mudou sua essência, como afirma Odália (1991, p. 14):

“Ela não se exercita simplesmente como uma defesa para a sobrevivência; ela se delinea diferentemente, recobre-se de formas sutis. Ela deixa de ser uma agressividade necessária frente a um universo hostil. Ela de alguma forma se enriquece, pois perde sua forma natural de defesa para ser uma decorrência da maneira pela qual o homem passa a organizar sua vida em comum com outros homens”.



A partir desse entendimento, podemos perceber que a agressividade humana incorpora causas banais ou não e se transforma, nos mais diversos tipos de violência que ouvimos falar com tanta frequência. Segundo Minayo, 2009:

“Ao contrário da violência, a agressividade se inscreve dentro do próprio processo de constituição da subjetividade. A transformação da agressividade em violência é um processo ao mesmo tempo social e psicossocial para o qual contribuem as circunstâncias de vida, o ambiente cultural, as formas de relações primárias e comunitárias e também as idiosincrasias dos sujeitos.”

Mesmo estando familiarizados com a violência, devido ao fato da mesma ser uma realidade social, se torna complexo sua definição. Segundo Abromovay 2010, p. 19, Conceituar teoricamente a violência exige certo cuidado, diante do fato de o conceito ser utilizado de maneiras diversificadas e abrangendo várias situações diferente. Além disso, ela é algo dinâmico e volátil. Dentro dessa perspectiva, existe a necessidade de uma definição da mesma, porém sem delimitá-la.

Entender o que é a violência num primeiro momento significa buscar em sua raiz, a compreensão da etimologia da palavra. Dentro desta perspectiva, Michaud traz a seguinte definição:

“Violência” vem do latim violentia, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo violare significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a vis, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra vis significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força, e, portanto a potência, o valor, a força vital. (Michaud, 2001, p.8)

Compreender a violência significa compreender sua amplitude e pluralidade, compreendendo o momento histórico que o fato se da. Por conta disso, é muito comum encontrarmos definições particularizadas sobre tipos de violência, ou definições amplas a fim de abarcar tal conceituação. Segundo pesquisa desenvolvida pela UNESCO, no Brasil, sobre violência:

“A noção de violência por si só é ambígua. Não existe uma violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir de normas, das condições e dos textos sociais, variando de um período histórico a outro. A violência é um dos eternos

problemas da teoria social e da prática política. Na história da humanidade, tem –se revelado em manifestações individuais ou coletivas. Chesnais (1981), em *Historie de laviolence*, apresenta as múltiplas formas de violência registradas em diferentes épocas e sociedades, privada e coletivamente. ” (WAISELFISZ, 1998, P.144-145).

Diante do apresentado, fica claro que a violência é um tema plural e multicausal, de tamanha amplitude que existe uma dificuldade em defini-la. Muitos entendem e conhecem a violência, porém o consenso sobre o que é a violência é quase impossível. Segundo ARBLASTER (1996), em verbete sobre o termo no **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**, recorrendo a um amplo acervo da produção contemporânea sobre o tema:

“O termo é potente demais para que, um consenso seja possível. Não obstante, um entendimento do termo ditado pelo senso comum é, grosso modo, que a violência classifica qualquer agressão física contra seres humanos, cometida com a intenção de lhes causar dano, dor ou sofrimento. Agressões consideradas, com frequência, atos de violência. E é comum falar-se também de violência contra certa categoria de coisas, sobretudo a propriedade privada”.

Percebemos que Arblaster foi muito coerente diante do proposto e definido sobre uma possível definição contemporânea sobre o que seria o fenômeno da violência. Talvez, por outro lado, pudesse ser acrescentado a tal definição outros tipos de violência, e outros possíveis personagens vitimados pela violência.

Partindo do entendimento da necessidade de um determinado contexto para que a violência seja caracterizada, se faz necessário identificar também os outros atores que determinam diretamente que ato pode ser considerado uma violência. Partindo deste pressuposto, fica evidenciado que os indivíduos, a estrutura normativa na qual os mesmos estão inseridos, e o contexto social, são atores determinantes da violência.

Portanto, podemos concluir que a violência ocorre devido às interações sociais entre indivíduos dentro de uma estrutura que possui regras e valores próprios, inseridos num determinado contexto. Havendo mudança de um dos “atores”, um determinado ato pode não ser mais visto, considerado e entendido como violência. Para a violência ocorrer podem existir uma ou diversas causas, motivações, e ela sempre gera consequências, sejam físicas ou psíquicas.

Nessa relação, os indivíduos presentes nessa interação violenta transformam-se em vítima e agressor.

Vale ressaltar que existe violência explícita quando há ruptura de normas sociais estabelecidas a esse respeito; contudo não é um conceito absoluto, variando entre os diferentes grupos e contextos. A violência está contida em todos os círculos, diferentes níveis sociais e organizações humanas: na política, no trabalho, na família, dentro ou fora dos muros.

## **1.2. TIPOS DE VIOLÊNCIA**

Dentro da perspectiva apresentada até agora, ficou evidenciado o quanto a violência está próxima e viva no cotidiano de todos nós. Considerando violência como tudo aquilo que fere, destrói, machuca e prejudica pessoas, ações que não preservam a vida nem o bem estar. A partir desse entendimento, iremos realizar uma clara e objetiva explanação dos tipos de violência:

### **Violência Simbólica:**

Quando falamos de violência psicológica referimo-nos a um comportamento (não-físico) específico por parte do agressor, seja este agressor um indivíduo ou um grupo específico num dado momento ou situação contra uma ou mais vítimas. Este tipo de violência esta pautada numa relação de dominação de um indivíduo ou grupo sobre outro. Segundo BOURDIEU:

“... A forma por excelência da violência simbólica é o poder exercido pelas vias da comunicação racional, ou seja, com adesão (extorquida) dos que, sendo os produtos dominados de uma ordem dominada por forças enfeitadas de razão ( como aquelas que agem por meios de sanções a instituição escolar ou mediante as sentenças de peritos econômicos), estão forçados a conceder sua aquiescência ao arbitrário da força racionalizada.” (BOURDIEU, 2001, P.101)

Esta modalidade de violência é muito presente na sociedade, porém pouco conhecida e entendida como tal. Um dos grandes entraves desta violência é que a mesma não deixa marcas visíveis num primeiro momento, e dessa forma, não é entendida por muitos como uma violência. Outro detalhe peculiar é que a violência simbólica ocorre com a cumplicidade dos dominados.

Qualquer indivíduo inserido em sociedade pode sofrer com este tipo de violência, ela está presente em todas as esferas da sociedade, e muitas vezes é legitimada por regras e normas. Mesmo sem deixar marcas visíveis, esta violência é tão importante quanto as outras a medida que vítimas em estado avançado podem apresentar depressão, doenças psíquicas, depressão podendo acarretar até num suicídio.

## **Bullying:**

O bullying é um fenômeno muito antigo, porém só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Segundo Ana Beatriz Barbosa Silva, Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar (Silva, 2009, pág. 111). Com o passar do tempo, e expansão da globalização a atenção sobre o assunto se disseminou por diversos países.

Do inglês, Bully significa “valentão” e este tipo de violência tem se tornado muito frequente no mundo todo. *Bullying* é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencional e repetida, praticada por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Ainda segundo Ana Beatriz Barbosa Silva, as vítimas se tornam reféns do jogo de poder instituído pelos líderes dos agressores. Raramente eles pedem ajuda as autoridades escolares ou aos pais. Agem assim, dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores, e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola (Silva, 2009, pág. 116).

Sabemos que hoje, devido a grande atenção ao assunto na mídia, jornais nas escolas e até dentro de casa, este cenário já tem mudado bastante. Muitas crianças já têm contado aos pais e às autoridades escolares sobre o assunto. Em alguns casos, a violência chega num ponto tão longe que se faz necessário o envolvimento da esfera policial. Esta violência é muito perigosa pois muitas de suas vítimas acabam por serem agressoras também.

## **Cyberbullying**

O *cyberbullying* é a modalidade da violência mais recente na sociedade, e é caracterizado pela utilização de instrumentos de comunicação mais modernos, a fim de humilhar e constranger pessoas. Os meios mais utilizados são a internet e telefones celulares para enviar mensagens de textos e imagens. Esta modalidade de violência perpassa desde quem inicia esta violência até pelos que a continuam, mesmo sem saber que estão praticando violência.

O *cyberbullying* pode ser tão simples como continuar a enviar e-mail para alguém que já disse que não quer mais contato com o remetente, ou então pode incluir também ameaças, comentários sexuais, rótulos pejorativos,

discurso de ódio, tornar as vítimas alvo de ridicularização em fóruns ou postar declarações falsas com o objetivo de humilhar.

Os *cyberbullies* podem divulgar os dados pessoais das vítimas (como nome, endereço ou o local de trabalho ou de estudo, por exemplo) em sites ou fóruns, ou publicar material em seu nome que o difame ou ridicularize-o. Alguns *cyberbullies* também podem enviar e-mails e mensagens instantâneas ameaçando e assediando as vítimas, postar rumores e boatos e instigar os outros para cima da vítima. Não existe um perfil específico das vítimas do bullying virtual.

Esta modalidade se assemelha a violência psicológica porque num primeiro momento não deixa marcas visíveis na vítima. Porém, esta violência gera um sofrimento psíquico enorme para suas vítimas e pode comprometer também a saúde psíquica de suas vítimas.

Por outro lado, mesmo sendo uma violência difícil de ser percebida, e reconhecida, muitas vezes pode ser comprovada na medida em que a vítima consiga reunir provas e prestar queixa na polícia. A polícia pode conseguir a partir de número de telefone e IP de computadores, chegar ao agressor.

### **Violência física:**

Trata-se de qualquer violência física de um indivíduo ou grupo contra outro. Varia desde uma violência sexual, espancamento, queimaduras etc. É a modalidade da violência mais fácil de ser percebida porque na maioria das vezes deixa marcas como hematomas, arranhões e cortes. A violência física é a única modalidade que tem unanimidade na sua compreensão como ato violento, e identificação.

A violência física está associada a vários tipos de atos violentos, tais como: violência doméstica, violência contra a criança e adolescente, homofobia, dentre outras. Vale ressaltar que a violência física, assim como todo e qualquer tipo de violência está presente em todos os segmentos da sociedade, e com a violência física não seria diferente, infelizmente. Está presente nas situações mais banais, desde um simples acidente de trânsito até a vontade de alguns agressores de espancar pessoas porque estavam querendo bater em alguém.

## **2. HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

A violência, como é sabida por nós é uma realidade milenar e seus atos violentos estão presentes nas primeiras formas de educação. De acordo com documentos históricos, atos violentos marcaram a evolução do processo educativo e está presente até os dias atuais, com uma única diferença. Hoje a violência na escola é entendida como uma ação nociva a sociedade e a escola, e que deve ser abolida. Partindo dessa perspectiva histórica da violência na educação, podemos fazer uma cronologia sobre momentos em que atos violentos tanto físicos quanto psicológicos existiram nas instituições escolares.

Dentro de uma breve retrospectiva histórica, alguns fatos marcaram a cronologia da história da educação e em muitos momentos podemos perceber enraizados atos violentos no contexto educacional. Tendo em vista que, para um ato ser considerado violento, a vítima e o contexto que este ato se deu é quem caracterizarão esta violência. Partindo dessa perspectiva, alguns momentos históricos da educação são relevantes:

### **2.1. EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL COLONIAL**

Desde que chegaram ao Brasil, os jesuítas estabeleceram escolas e começaram a ensinar a ler e a escrever aos nativos que aqui se encontravam e posteriormente filhos de gentios e cristãos. Essa escolarização dos índios, e negros escravos surgiram como uma possibilidade de obter uma quantidade significativa de adeptos à cultura portuguesa. Com o passar do tempo, essa educação jesuítica acabou perdendo força, pois apenas os filhos de gentios, ricos iriam levar a diante os estudos.

“A certa altura da catequese dos índios, os próprios jesuítas vão julgá-las desnecessárias. E os colégios, estes, sobretudo, se voltam para filhos dos principais pais”.

(José Maria de Paiva, 2003, pág. 44)

Neste período, a educação tida como de qualidade era vista, e disponibilizada apenas para a elite da sociedade, como ocorre até os dias atuais. Estes jovens, filhos da elite tinham o futuro idealizado como padres, advogados ou ocupariam cargos públicos, o que possibilitaria a sociedade se reproduzir. A sociedade portuguesa tinha uma estrutura muito rígida, centrada na hierarquia, fundada na religião. Dentro desta perspectiva hierárquica e religiosa, a educação jesuítica nessa sociedade não poderia ser pautada em outra coisa que não fossem estes alicerces.

Outro fato importante que consolidou esta educação posta aos índios, foi a necessidade de Portugal usar dos índios como escravos que obrigados ou não lutassem a favor de seus interesses. Segundo Paiva, 203, pág 45, Por precisarem das terras e por precisarem do braço indígena, puseram-se em guerra contra os nativos. Sujeitados ou amigos, os nativos estavam ali para trabalhar como escravos.

Evidentemente, muitos índios não aceitaram ser submetidos a tal situação e então se instalou um estado de alerta em que guerras eram constantes. Ataque e defesa definiam o estado de violência que se viviam, e os portugueses que estavam melhor municiados dizimaram centenas de índios. Os portugueses se utilizaram dessa matança para obrigar os índios a se catequisarem para assegurar a sobrevivência.

Essa foi a primeira forma de educação reconhecida no Brasil, e nela já se vê traços da violência nas suas estruturas. Violência contra os índios e escravos que foram obrigados a abandonar suas respectivas culturas para ter que se submeter à de outrem. Violenta também no sentido de que a educação fornecida a estes foi a mais superficial, limitadora na medida em que foi utilizada para domesticar estes indivíduos, e no momento em que foi elaborada de forma totalmente diferente para os filhos da elite da época.

Esta primeira forma de educação reconhecida no Brasil ocorreu a mais de 500 anos atrás e carrega muitas características da educação que encontramos hoje no país. Uma educação que é libertadora e crítica para muitos poucos, os que possuem dinheiro para estudar nas melhores escolas particulares. Infelizmente, na maioria das escolas públicas, a escola é algo que se distancia da realidade dos estudantes e que não os prepara para crescer e se libertarem das “amarras” simbólicas da sociedade.

## **2.2. INSTRUÇÃO ELEMENTAR NO SÉCULO XIX**

Estudos recentes sobre a educação no Brasil no século XIX apontam que no período imperial, algumas províncias estavam atentas à necessidade de escolarização, e principalmente das chamadas “camadas inferiores da sociedade”. Segundo Luciano Mendes, 2003, pág 135, Questões como a necessidade e a pertinência ou não da instrução dos negros (livres, libertos ou escravos), índio e mulheres eram amplamente debatidas intensa foi a atividade legislativa das Assembleias Provinciais em busca do ordenamento legal da educação escolar.

Muitas leis provinciais foram criadas no sentido de incluir esta parcela da população as escolas, porém dentro de certos e amplos limites. Evidentemente podemos imaginar que muitos foram os limites impostos a esta população que esta tendo “direito a escolarização”. Não podemos deixar de levar em consideração que se tratava de uma sociedade escravista, autoritária e

profundamente desigual, em que isso pode ser observado em qualquer livro de história da educação que aborde a educação no período.

Por outro lado, este fato foi uma grande manifestação de uma ação do estado em prol de algum tipo de educação para as camadas mais populares da sociedade. Tanto a escola e o Estado não possuíam um lugar social legitimado. Ambos buscaram construir seus respectivos papéis ao longo do seu desenvolvimento na história.

A escola na época como é sabido, se desenvolveu dentro de limites e parâmetros pré-estabelecidos em que a escola continuava a ser um ambiente de controle e até de domesticação da população. Segundo Luciano Mendes, 2003, pág 137, A instrução possibilitaria arregimentar o povo para um projeto de país independente, criando também as condições para uma participação controlada na definição dos destinos do país. Ou seja, o Estado usou das reivindicações da Província para dominar a população através da “educação”, e como a maior parte da população não tinha criticidade para perceber esta ação, esta dominação, por assim dizer, correu livremente.

“... Dentre essas condições, uma das mais fundamentais seria, sem dúvida, dotar o Estado de mecanismos de atuação sobre a população. Nessa perspectiva, a instrução como um mecanismo de governo permitira não apenas indicar os melhores caminhos a serem trilhados por um povo livre mas também evitaria que esse mesmo povo desviasse do caminho traçado”

(Luciano Mendes de Faria Filho, 2003, pág. 137)

Dentro do que foi brevemente aqui apresentado, percebemos que o Estado possui atualmente o mesmo papel que exerceu anteriormente. Ele continua a controlar a população, fingindo que oferece uma educação de qualidade, quando na verdade é uma ferramenta de limitação e domesticação desta população para não questionar o que está errado. Podemos assim entender, que a população é violentada pelo Estado quando não tem seus direitos assegurados respeitados, e assim a população continua atuar como verdadeiras marionetes nas mãos do Estado.

### **2.3. NEGROS E EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Ainda atualmente, podemos perceber a gravidade da situação educacional dos negros menos favorecidos economicamente. É claro que sabemos que está situação já foi muito pior, e que já melhorou bastante, porém está longe de chegar a um patamar desejável. A educação do negro nunca foi uma prioridade em nenhum governo.



No século final XIX algumas medidas foram tomadas no intuito de fornecer algum tipo de escolarização para essa população. Como exemplo, temos a criação dos cursos noturnos, através do Decreto 7.031 de 6 de setembro de 1878. No ano seguinte, a Reforma do Ensino Primário e Secundário proposta por Leônidas Carvalho completava o projeto educacional do Império, que acabava com a proibição de escravos frequentarem as escolas públicas. Os cursos oferecidos a esta população estava determinado pelos interesses públicos ou particulares.

“Os cursos poderiam ser criados por decisão dos poderes públicos ou por particulares, incluindo associação e/ou entidades literárias e políticas”.

(Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, 2003, pág. 327)

Segundo Luiz Alberto, 2003, pág. 327, O fato de existirem iniciativas com vistas à inclusão dos escravos e dos negros livres em cursos de instrução primária e profissional não nos autoriza inferir que essa experiência tenha sido universal. A esse respeito, Peres, em algumas províncias as coisas não aconteciam desta forma “não só haviam escolas que não admitiam a hipótese de matricular escravos como também negros livres e libertos”. A autora ainda coloca que os cursos que registravam a presença de negros eram cursos encabeçados por “aboliconistas, republicanos e, ainda ferrenhos críticos a Igreja Católica e defensores da instrução do povo”.

Dentro dessa perspectiva, estes cursos, que realmente possuíam negros matriculados se trataram da primeira manifestação em prol da educação dos negros, pois apesar do decreto “assegurar” a educação destes negros, na prática não acontecia. Sendo assim, estes cursos, encabeçados por aboliconistas, serviam como espaços para divulgar ideias contra o sistema escravista e aproveitavam para envolver os negros na causa aboliconista e inculcar preceitos de moralidade e civilidade.

Embora a existência de iniciativas dessa natureza, os registros sobre a participação efetiva dos negros são incipientes. A República não expandiu os direitos políticos imediatamente após sua proclamação, nem garantiu o acesso de todos à educação durante muitas décadas. Agravou-se muito a situação dos negros, que, após a Lei Áurea foram lançados a própria sorte.

Diante da retrospectiva apontada sobre a educação dos negros, podemos perceber que os negros foram lançados no continente americano num ambiente hostil. Foram violentamente escravizados sem um mínimo de atenção ou respeito à manutenção da vida. O pouco que conquistaram o direito de ter acesso à educação não foi respeitado, situação que se perpetua até os dias atuais não só com os negros, mas todos aqueles que são menos favorecidos.

## 2.4. A EDUCAÇÃO DE IMIGRANTES NO BRASIL

A partir do século XIX, um expressivo número de imigrantes de diversas etnias migrou para o Brasil, contribuindo para a formação de um pluralismo étnico e cultural nas regiões Sul e Sudeste do país. Segundo Lúcio Kreutz, 2003, pág. 347, Parte dos imigrantes italianos, alemães japoneses e poloneses fixaram-se em áreas rurais, formando núcleos populacionais com características e estruturas fortemente étnico-culturais, o que lhes deu maior visibilidade. Por conta desta visibilidade, apenas este grupo de imigrante participou do processo escolar étnico.

Os imigrantes vieram para o Brasil em busca de ofertas de trabalho, e devido ao próprio momento histórico, pois a abolição da escravidão já estava mais consolidada, vieram substituir o trabalho escravo. As condições de trabalho eram muito precárias, e os imigrantes eram praticamente escravizados. Com dificuldades para obter o direito a cidadania, lutaram em busca de iniciativas marcantes quanto à manutenção de especificidades culturais como idioma, organização religiosa, associativa e escolar.

A tradição escolar entre os diversos grupos de imigrantes no Brasil era bastante heterogênea, e conseqüentemente sua dinâmica. As colônias mais fechadas e isoladas das áreas urbanas criaram suas próprias escolas com suas respectivas culturas e religião. Segundo Lúcio Kreutz, 2003, pág. 353, As colônias mais isoladas por longo período, tendo pouco contato com a populacional, empreenderam uma ampla estrutura comunitária de apoio ao processo escolar, religioso e sociocultural com característica dos países de origem.

As iniciativas quanto ao processo escolar dos imigrantes foram estimuladas inicialmente por diversos estados pelo fato de não terem condições para oferecer escolas públicas. Além disso, se essa população tivesse acesso a algum grau de escolarização seria vantajoso para a sociedade como um todo na medida em que haveria uma qualificação na mão de obra. Com o passar do tempo, o estado passou a incentivar escolas étnicas para comunidade com acentuada tradição.

Dessa forma, percebemos que o estado aceitou estes imigrantes, se utilizou da sua força de trabalho, porém não concedeu condições de desenvolvimento dessa população. Uma coisa é fato, se o estado não conseguia fornecer estas condições para a sua população, quanto mais para estrangeiros. O fato é que o estado forneceu incentivos a fim de outros, neste caso a própria comunidade realizasse seu papel.

Percebemos a partir dessa breve perspectiva histórica que a educação nunca foi prioridade do governo. A educação sempre ocorreu de forma caótica e nunca ocorreu de forma igualitária para todos, pelo contrário, como ocorre nos

dias atuais. Percebemos também que a violência sempre esteve presente no campo educacional seja na forma física quanto na psicológica e simbólica.

## **2.5. PALMATÓRIA**

A palmatória, por vezes também chamada férula, é um artefato geralmente de madeira formado por um círculo e uma haste. Foi muito utilizada no passado nas escolas pelos professores a fim de castigar alunos indisciplinados, golpeando-a na palma da mão do aluno castigado. O emprego deste castigo não era entendido como violência pelos pais, escola e professores devido a própria mentalidade da época, e idéia de infância. Esta prática só foi entendida como um ato violento no final do século XX.

No Brasil, seu emprego foi introduzido pelos jesuítas, como forma de disciplinar os indígenas resistentes à aculturação. A prática foi perpetuada pela escravidão africana. Os senhores a utilizavam como um dos muitos castigos aplicados aos negros desobedientes. Ao final do século XIX, quando a educação dava seus primeiros passos em nosso país, a palmatória migrou para a escola. Nas primeiras décadas do século XX a palmatoria esteve muito presente nas escolas como uma forma de punição para alunos.

Era legitimado aos professores fazer o uso da palmatoria como uma forma de impor sua autoridade perante sua turma e como punição a estudantes tidos como indisciplinados. Com as campanhas pelo fim da violência infantil da década de 1970, o castigo corporal foi condenado. Transformado em crime na década de 1980, o uso do instrumento foi definitivamente abolido com a elaboração do *Estatuto da Criança e do Adolescente*, em 1990. Atualmente, seu uso é considerado crime na maioria dos países ocidentais, entre eles Portugal e Brasil, bem como qualquer castigo físico infligido a estudantes.

A partir desta análise da educação ao longo dos séculos, podemos perceber que a violência sempre esteve presente na educação. Diversos foram os tipos de violência, como a violência simbólica no uso da dominação dos índios pelos jesuítas, a violência psicológica e negligência na educação oferecida aos negros ao final do século XIX.

### **3. POSSÍVEIS CAUSAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

A escola, lugar anteriormente consolidado sob os alicerces do respeito e educação, hoje enfrenta uma série crise em suas estruturas, e uma das causas é a violência. A violência escolar infelizmente já é uma realidade das escolas da rede pública e privada de todo o país. Dentro desta perspectiva, percebemos que a violência está presente em tudo, e essa é a única certeza neste contexto. Entendendo a violência como um tema vasto e abrangente, não podemos entendê-la como um fenômeno de única causa, pois inúmeras violências estão presentes nas escolas, e conseqüentemente, diversas causas podem estar associadas.

A violência na sociedade é uma realidade milenar que não pode ser ignorada enquanto fato, e por todo percurso traçado pela educação no Brasil. Porém, o que aqui será analisando são as possíveis causas da violência que está presente hoje em todas as escolas do país, levando em consideração uma causa isolada ou associadas. A partir disso, os dados aqui apresentados foram retirados de uma pesquisa do UDEMO.

No ano de 2000, o UDEMO – Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo – realizou uma pesquisa sobre a violência em algumas instituições escolares do estado. Diversos pontos a cerca da violência foram levantados, e principalmente suas causas a fim de encontrar possíveis soluções para a mesma. A pesquisa apontou a realidade da violência escolar no estado, que é reafirmada em diversas outras pesquisas realizadas neste mesmo sentido. De acordo com a pesquisa, as causas para a violência escolar apontadas por educadores e estudantes foram:

#### **1. Com relação à família:**

1.1. Desagregação familiar: separações, mortes, consumo de drogas, falta ou inversão de valores morais e éticos, desprestígio da educação, carência afetiva dos filhos.

1.2. Pais omissos: ausentes dos problemas escolares, coniventes com os erros dos filhos, não incentivando os estudos, não impondo limites aos filhos, jogando para a escola a responsabilidade da família.

1.3. Carências múltiplas: desemprego, miséria, exclusão social, falta de tempo para os filhos.

1.4. Falta de religiosidade

1.5. Falta de apoio psicológico e assistência social

## **2. Com relação aos alunos:**

2.1. Falta de perspectivas, descrença nas instituições, desinteresse pela escola, falta de identificação com os professores e com a escola.

2.2. Interpretação errônea do ECA (direitos supervalorizados sem a contrapartida dos deveres), não-obediência às regras e normas de convivência, sentimento de impunidade, leis excessivamente permissivas, falta de padrões comportamentais positivos no grupo

2.3. Dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar.

2.4. Influência negativa da mídia e banalização da violência.

2.5. Consumo de drogas.

2.6. Ociosidade das crianças e dos adolescentes associada à falta de projetos multidisciplinares, extracurriculares (prática de esportes, prática musical, exercício da solidariedade, trabalhos comunitários, etc...)

## **3. Com relação aos professores e à escola:**

3.1. Falta de professores, faltas dos professores, desestímulo, descompromisso, baixos salários, jornada excessiva de trabalho, formação deficiente, falta de habilitação, metodologia inadequada, rotatividade excessiva, falta de treinamento e capacitação.

3.2. Falta de espaços físicos adequados para as atividades cotidianas.

## **4. Com relação ao sistema:**

4.1. Problemas com o sistema escolar: mudanças bruscas sem o prévio preparo, currículo defasado, inadequado e restritivo, módulo incompleto, descaracterização da progressão continuada em promoção automática, centralização excessiva das decisões (nos órgãos superiores).

4.2. Conselho Tutelar pouco atuante ou agindo contra os interesses da escola

Esta pesquisa da UDEMO contempla todas as possíveis causas da violência escolar, na medida em que levam em consideração as causas separadamente

de acordo com os atores inseridos na escola. É importante frisar que violência não está associada à condição financeira na medida em que ela está presente em todos os lugares, tanto na escola pública como na privada.

Os resultados desta pesquisa apontaram uma realidade das escolas públicas e em alguns casos, das particulares, porém, ainda podemos analisar separadamente as respectivas causas da violência escolar na escola pública e particular. É fato que a violência está presente, ainda que de forma sutil, nas escolas, apesar de que muitas vezes não são reconhecidas ou admitidas no ambiente.

A fim de comprovar os dados apresentados pela pesquisa da UDEMO, daremos continuidade à análise das possíveis causas da violência escolar. Essa análise irá abordar separadamente a escola particular e pública a partir de textos, breve questionários e relatos de professores e alunos inseridos nas instituições de ensino.

### **3.1. VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA PARTICULAR.**

Estive em duas escolas da rede particular de ensino me propondo a aplicar um pequeno questionário a fim de abarcar algumas informações a cerca da violência escolar. Nas duas escolas que me propus a aplicar este questionário fui impedida indiretamente na medida em que a figura representante da escola dificultou de todas as formas que eu entrasse em contato com professores e alunos, e sempre afirmando que nas respectivas escolas não existia violência.

É claro que esta resposta está errônea na medida em que a violência está presente em todos os segmentos da sociedade nas suas mais diversas formas. Sendo assim, procurei contato através de redes sociais com estudantes e professores das respectivas escolas a fim de saber a opinião deles a respeito da violência nas escolas que estudavam e trabalhavam. Dessa forma será apresentada a visão de professores e estudantes separadamente.

Comecei a “entrevista”, questionado aos alunos o que eles entendiam como violência, e se já haviam sofrido com ela, e eles definiram violência como: qualquer ato que viesse a ferir outra pessoa, agressão física, psicológica e bullying. Todos os quatro estudantes foram unânimes em dizer que já sofrem algum tipo de violência na escola, e que o bullying é uma realidade na escola.

Um dos entrevistados que preferiu não ser identificado relatou que cerca de um ano atrás, foi diagnosticado com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e que foi receitado medicamentos tarja preta para conter os sintomas. Porém, um dos colegas descobriu que ele tomava este medicamento, e contou para a turma inteira quando culminou no boato de que este estudante seria louco por tomar estes remédios.

O estudante relatou ainda que esse bullying sofrido por ele durou alguns meses e que até os professores sabiam da situação e não interferiram de forma alguma para preservá-lo. Este estudante conta que seu pai não aguentou a omissão da escola com esta violência sofrida por seu filho e que o transferiu para outra escola em que o jovem não é mais violentado por seus colegas.

Dei continuidade perguntando o que eles achavam que era a causadora dessa violência na escola e muitas respostas foram citadas a respeito da família e à escola. Com relação a família, os estudantes se queixaram muito de pais omissões que não impõem limites aos filhos e estes, por sua vez, acham que podem fazer tudo. A questão financeira que está atrelada a esta violência, de estudantes ricos que pensam que por terem muito dinheiro nada nem ninguém irá interferir nas suas vontades.

Outro ponto apontado pelo estudante foi à omissão da escola diante da violência na escola. Por ser uma escolar particular, as escolas se eximem do papel de educadoras e passam por cima de tudo por serem estudantes ricos. Ou seja, elas muitas vezes fingem não ver o problema para não terem de tomar atitudes contra estes estudantes. Outra questão importante também ligada a escola é o fato da negação do problema, pois negando o problema o problema não existiria, quando na realidade ela está presente e latente.

Trazendo agora as respostas apontadas pelos professores, ficará evidenciado que muitas informações cruzam com a dos alunos. Quando questionados sobre o que seria violência foi: Qualquer ato que venha a ferir ou desrespeitar outro (s) indivíduo (s). Ao questioná-los se já haviam sofrido violência, a principio disseram que não. Porém no desenrolar da conversa, relataram ser constantemente desrespeitados por alunos em sala de aula, porém nada que passasse disso.

Ao questioná-los sobre as possíveis causas da violência, foram unânimes em dizer sobre a falta de educação domestica dos pais, imposição de limites aos mesmos e interesse nos assuntos acadêmicos de seus filhos. Relataram também a omissão da escola em negar o assunto, fingir que a violência não existe e evitar levar problemas acontecido em sala de aula com os jovens a fim de evitar algum tipo de indisposição com os pais dos alunos.

Dentro do que foi colocado pelos estudantes e professores, pude perceber que a violência está presente nas escolas particulares apesar de que muitas vezes sufocada e negada pelas escolas. Os estudantes e professores tem uma percepção clara do que se trata este fenômeno tão complexo quanto é a violência, porém não possuem apoio da escola a fim de conter este problema, pois a mesma o ignoram. Ficou evidenciado também que diante do que foi apresentada na pesquisa da UDEMO, a família é apontada como a principal causa da violência escolar na rede particular de ensino.

### 3.2. VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA PÚBLICA

Buscando a compreensão da violência e suas causas, estive numa escola da rede pública em Salvador em que apliquei questionários sobre o tema para alunos e professores. Todos foram unânimes em dizer que a violência estava presente na escola, que já vivenciaram ou foram vitimados pela mesma apesar de ser uma escola considerada tranquila na cidade.

Quando questionados aos professores o que eles entendiam como violência as respostas foram: Ato de agressão ao próximo, qualquer tipo de atitude não coerente com as regras ou limites do local ou momento onde ocorrem, não respeitar o próximo, questões religiosas e políticas, agressões físicas, verbais. Tudo que inflija à lei e a violência em suas diversas formas, física, psicológica, é uma agressão iminente dos seres vivos, a qual nos animais irracionais é uma forma de sobrevivência, e nos homens nos iguala a animais.

Já na visão dos estudantes, algumas das respostas apontadas para o que seria a violência foram: Falta de diálogo, ter temperamento forte e não saber resolver com calma, violência é um modo agressivo que as pessoas agem com as outras pessoas, violência é um ato cometido por um indivíduo contra outro, ou algo, onde pode ser físico ou verbal, é um tipo de agressão física que uma pessoa sofre, Violência é um ato de agressão de várias formas, Uma combinação de ignorância e desigualdade, um ato de expressar raiva.

Com a resposta apontada por estes estudantes ficou evidenciado que eles sabem o que é a violência, e que estão mais suscetíveis a mesma, na medida em que se mostraram familiarizados com fatos que ainda não haviam sido citados. Percebemos dessa forma a diferença da mentalidade, das respostas por consequências das diferentes trajetórias e histórias de vida dos estudantes da escola pública e particular.

Dando continuidade ao questionário, questionei aos professores quais eram as causas da violência na escola na visão deles, e os resultados apontados foram: a falta de estrutura familiar (pais ausentes, que trabalham e não têm tempo para os filhos, ou até que não se importam), e as drogas. As drogas atualmente estão dentro da escola tanto no seu tráfico como as marcas que elas deixam. Ao realizar o mesmo questionamento aos alunos, o que foi mais recorrente foi à questão das drogas.

Os problemas das drogas hoje é uma realidade que merece a devida atenção, pois ela já ultrapassou os limites das escolas públicas e tem tornado o ambiente violento, pois assim como os pontos levantados sobre a família, a droga pode ser também apontada como causa da violência escolar. Não podemos deixar de levar em consideração o entorno da escola que muitas



vezes já é violento. Outro ponto delicado sobre o assunto é a possibilidade de que muitas vezes, o próprio pai ou irmão desses alunos pode ser traficante, ou ser usuário e aquilo para os alunos muitas vezes vem sendo construído na sua percepção como certo.

Dentro do que foi apresentado e abordado sobre a violência na escola, percebemos o quanto é importante um trabalho que contemple essas causas, a fim de extinguir este comportamento tão nocivo à escola e que interfere indireta e diretamente na qualidade de ensino ofertada nas escolas.

#### 4. SER PROFESSOR É UMA PROFISSÃO DE RISCO?

Infelizmente, a violência no país tem crescido e estudos aprofundados não são realizados a fim de compreender melhor tal fenômeno e propor alternativas para diminuir ou extinguir estes atos. A princípio, tomaremos como base as estatísticas elaboradas nos Estados Unidos pela National Education Association. Segundo eles, durante o período letivo de 1979-1980 registraram-se 113.000 agressões a professores, número que corresponde a 5% do total de professores do ensino público daquele país. No entanto, cerca de 25% dos professores – segundo as mesmas fontes – declaravam ter sentido medo de serem agredidos por algum aluno (NEA,1980).

Se fizermos uma breve análise sobre os dados apresentados, podemos visualizar a gravidade da violência contra professores. Há 30 anos, a violência daquele país foi cometida contra 5% do total de professores do ensino público, o que reflete número altíssimo e na época o tema não era tão abordado como hoje. Hoje, apesar de não ser ter dados tão expressivos, com certeza aponta para uma realidade bem maior de professores agredidos no exercício do seu trabalho. Outro ponto que devemos levar em consideração que agressões menos violentas e claras podem não ter sido apontadas ou relatadas pelos professores, o que nos faz refletir que este número pode ser ainda maior.

Diário 16, em sua edição andaluza de 8 de fevereiro de 1986, pública as opiniões dos colegas de David, um garoto de 13 anos que enviou sua professora de ciências sociais à UTI, com três facadas no peito, uma das quais acertou de raspão o coração: “ David estava influenciado pelos filmes de violência e ação. Acreditava que era Rambo”(p.1). O mesmo tipo motivação foi relacionado pela polícia com a morte de Andrés Vicente (El País, 14 de março de 1984): Um aluno de 16 anos chegou tarde na aula, o professor pediu-lhe uma autorização que, ao que parece, era exigida nesse colégio para justificar os atrasos. O aluno saiu para buscá-la. Voltou com uma pistola e disparou no professor dois tiros à queima-roupa.

*El País* de 24 de março de 1984 relaciona o assassinato de uma professora de Huelva em seu escritório com a “paixão doentia” de um ex-aluno que havia tentado violenta-la 15 dias antes.

Com estes casos de violência contra professores, podemos perceber que tal fenômeno é antigo e ao mesmo tempo contemporâneo e que é uma realidade no mundo todo. Ainda, contextualizando a violência sofrida por nossos professores, podemos trazer alguns casos que abordam essa realidade triste e sóbria presente nas escolas.

Portal R7 notícias, publicado em 28/06/2011, professor reprova aluno e é agredido em Minas Gerais. Durante uma reunião de pais numa escola pública de Belo Horizonte (MG), um professor foi agredido por seu lado e respectiva mãe por não aceitarem a reprovação do estudante. Câmeras instaladas na escola flagraram a agressão que por sorte foi separada por pais de alunos presentes na reunião. Apesar do conflito, a orientação do conselho tutelar é de manter o estudante matriculado na escola.

Em outra matéria do portal R7 notícias, publicado em 16/03/2011, uma professora de matemática foi agredida por um aluno na região de Marília, São Paulo. Depois de chamar a atenção do jovem que não parava de conversar, a professora abriu a porta para chamar a diretora quando foi xingada pelo estudante que arremessou uma carteira contra a professora. A professora foi levada ao hospital, o caso foi registrado na delegacia da cidade.

Infelizmente não para por aí, no mesmo portal de notícias, ainda encontramos matérias contra violência contra professores como o acontecido No Rio Grande do Sul, em novembro de 2010, uma professora de uma escola técnica em Porto Alegre teve os braços e seis dentes quebrados por um aluno do curso de enfermagem que ficou revoltado por ter tirado uma nota baixa. Ou como o acontecido em Betim (MG), pouco tempo depois, no início de dezembro do ano passado, um professor foi morto a facadas por um aluno.

Ao realizar um trabalho na disciplina educação e violência, visitei uma escola localizada no bairro do Imbuí em Salvador a fim de conversar com professores e alunos sobre o assunto. Ao conversar com uma professora de Inglês, a mesma relatou que em 2000, quando trabalhava numa escola de Camaçari passou momentos de pânico ao sofrer um sequestro relâmpago na saída da escola, mas o pior estava por vir. A mesma relatou que quando os sequestradores estavam deixando-a, relataram que só a sequestraram porque um de seus alunos devia ao tráfico e como não tinha dinheiro para pagar recomendou que os mesmos o sequestrassem como uma forma de pagar sua dívida.

O programa Conexão Repórter exibido em 18/05/2011 fez um mapa da violência nas escolas brasileiras. Com câmeras escondidas registraram flagrantes dos perigos a que estudantes e professores ficam expostos, e relato de atores envolvidos nessa realidade como o caso da professora Aparecida. A professora Aparecida levou um tiro dentro da sala de aula em Santo André, na grande São Paulo. Um aluno levou uma arma para a sala de aula a fim de se exhibir e intimidar colegas e então atirou na professora que no momento escrevia na lousa. O tiro acertou-a pelas costas, atravessou o pulmão e ficou alojado na lousa. Traumatizada, Aparecida tem medo de voltar a lecionar e trabalha no mesmo colégio, mas na área administrativa.

Podemos perceber que a violência contra os professores está presente no mundo todo, e principalmente no país. A violência trata-se de uma realidade dura e crescente nas escolas que deve ser combatida e extinta. A escola é um lugar de construção do conhecimento e educação e deve ser um dos lugares mais seguros para a sociedade.

## **4.1 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SOFRIDA POR PROFESSORES**

### **4.1.1. ABSENTEÍSMO TRABALHISTA E ABANDONO DA PROFISSÃO**

Sabemos que muitos são os problemas sofridos pelos professores no desenvolvimento do seu trabalho, tais como: falta de estrutura nas escolas, falta de reconhecimento na profissão, baixos salários, e principalmente a presença da violência presente nas escolas, e especificamente a violência contra o professor. Tomando como base a violência contra o professor, do qual este trabalho pretende analisar, podemos entender o absentismo trabalhista e abandono da profissão como uma das consequências da violência sofrida por professores. No caso dos professores, este absentismo seria o resultado da periculosidade nas escolas.

O absentismo é uma das respostas mais marcantes a violência sofrida em sala de aula a fim de acabar com a derivada do exercício docente. Com esse corte, extinguisse a raiz das possíveis fontes de tensão encontradas na profissão. Nessa perspectiva, algumas consequências desse corte serão apresentadas, segundo Zaragoza, 1999, pág. 61, Despersonaliza-se o magistério e as relações com os alunos tornam-se mais superficiais, mas o professor se defende da tensão com essa mesma renúncia. A atuação na sala de aula torna-se mais rígida, o professor procura não implicar o que pensa ou sente, reduzindo sua explicação ao âmbito dos conteúdos, sem buscar relações com que os alunos vivem.

Dessa forma, o professor passa a se controlar no uso das palavras impondo limites ao seu uso para que não venha a lhe causar algum possível dano na medida em que uma simples palavra que irrite ou incomode algum aluno pode gerar algum tipo de violência gratuita. Evidentemente, essas posturas interferem num ensino de qualidade, porém dentro da atual situação da violência escolar, está é uma das maneiras que os professores encontram para amenizar ansiedades e tensões.

Diversas são as fontes que coincidem em assinalar um aumento do absentismo trabalhista entre os professores, devido as suas condições de trabalho (OIT, 1981; Stern 1980; Godman, 1980).

Segundo Zaragoza, 1999, pág. 62, a OIT, citando fontes dos Estados Unidos, afirma que 33% dos educadores que entram em licença médica evocam, entre

outras razões, o estresse ou tensão. “O índice de absenteísmo anual médio entre os educadores franceses passou de 4,5% a 5,1% entre o período de 1973-1974 e o de 1978-1979 e em alguns departamentos está acima de 6,61%” (*Le Monde*, 1981)

Uma das fontes de estudo apontou ainda que, quase 25% dos educadores questionados indicaram que era pouco provável que eles continuassem ensinando dez anos mais tarde; deve-se ressaltar que a intenção de mudar de emprego era mais frequente entre as mulheres, os jovens e os professores menos experientes. (OIT, 1981, p.89).

O absenteísmo surge como uma forma de buscar um conforto, alívio que permita ao professor escapar mesmo que momentaneamente do estresse e tensão enfrentados no trabalho. Estes professores recorrem a pedidos de licença ou até mesmo a constantes ausências nos estabelecimentos escolares, que exigem não mais do que uma justificativa. Em alguns poucos casos, existem estagiário que assumem a turma a fim de que estes estudantes não fiquem sem aula.

De acordo com a pesquisa noticiada na revista *Veja* de 19/12/2007 esse absenteísmo em sala de aula é grande “Em 2007, os professores faltaram ao trabalho, em média 32 dias - 15% do ano letivo”. Apesar de essa notícia ter sido exposta sem nenhum tipo de cuidado, analisando o porquê de este fato ser tão marcante e recorrente, deve ser levada em consideração a existência de tal fato marcante nas escolas.

Segundo Cleuza Repulho, ex-presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação e consultora de Educação Básica do MEC, os prejuízos do absenteísmo são também muito grandes para o aprendizado. Roberto Franklin de Leão, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, concorda: “Todo mundo perde com os afastamentos. Mas é importante que o direito de estudar acompanhe o direito de ter condições para oferecer uma boa aula”. Sem dúvida, o que não pode é a falta virar a única estratégia para lidar com as questões de saúde. “É preciso entender o que causa as doenças ou o que contribui para que elas se manifestem”, avalia Iône Vasques-Menezes, da Universidade de Brasília.

Podemos entender que a violência é um ato extremamente nocivo a sociedade e a escola, na medida em que fragiliza o bem estar físico e psíquico destes professores impedindo-os de realizar o seu papel: o de educar. Dessa forma, percebemos que a violência pode influenciar indiretamente a qualidade do ensino oferecido nas escolas na medida em que o professor tem medo de educar, pois educar pode resultar numa séria agressão.

#### 4.1.2. AS DOENÇAS DOS PROFESSORES

Zaragoza (1999) chamou de mal-estar docente a sensação de mal-estar difuso e elaborou um modelo para explicar as relações funcionais existentes entre os múltiplos fatores indicadores do sintoma. Esse modelo considera que uma determinada combinação de fatores pode conduzir os professores a um estado de ansiedade, denominado esgotamento docente, que afeta sua personalidade.

Os problemas relacionados à saúde dos professores estão recebendo uma maior atenção devido ao fato de o número de licenças estarem aumentando rapidamente. Muitos são os motivos das licenças para os professores, mas a maioria das licenças ocorre por estresse pós-traumático, síndrome de burnout, síndrome de pânico e depressão.

O transtorno de estresse pós-traumático pode ser entendido como a perturbação psíquica decorrente e relacionada a um evento fortemente ameaçador ao próprio paciente ou sendo este apenas testemunha da tragédia. O transtorno consiste num tipo de recordação que é melhor definido como revivescência pois é muito mais forte que uma simples recordação. Na revivescência além de recordar as imagens o paciente sente como se estivesse vivendo novamente a tragédia com todo o sofrimento que ela causou originalmente. O transtorno causa muito sofrimento aos seus portadores na medida em que o indivíduo tem recorrência ao sofrimento original de um trauma, e não consegue desligar dele.

Segundo matéria postada no site saúde do professor, estão afastadas há quase dois anos para tratamento de um transtorno de stress pós-traumático adquirido em sala de aula. Esta síndrome vem se tornando comum entre os professores da rede municipal de educação do Rio. A síndrome de stress pós-traumático se iniciou com os constantes atos de violência psicológica, que evoluíram para agressões físicas, e culminaram na tentativa de homicídio de três alunas que colocaram acetona misturada com veneno para matar ratos no café da sala dos professores.

Com a aproximação das férias é comum o sentimento de cansaço e fadiga, ambos resultados do esgotamento físico e psicológico do ser humano. Muito além deste tradicional ciclo, porém, cada vez mais pessoas têm sofrido com o estresse profissional, especialmente aquelas que se inter-relacionam com outras pessoas para o desempenho de sua função. Um bom exemplo disso é o professor, que tem sido apontado como uma das maiores vítimas do estresse profissional, mais conhecido como *Síndrome de Burnout*.

A Síndrome de Burnout é causada por circunstâncias relativas às atividades profissionais, ocasionando sintomas físicos, comportamentais, afetivos e cognitivos. Inicialmente foi observada em trabalhadores da área da saúde que

desempenham uma função assistencial, caracterizada por um estado de atenção intenso. Com o passar do tempo, pôde ser identificada em outras profissões, entre elas a de professor.

O Burnout em professores pode ser caracterizado por um estresse crônico produzido pelo contato com as demandas do ambiente acadêmico e suas problemáticas. A violência pode ser considerada como responsável por desencadear esta síndrome em professores.

O estresse em sala de aula pode desencadear nos professores também a síndrome de pânico. Nessas crises, a pessoa sente falta de ar, o coração dispara e o suor pode empapar a roupa. Em questão de segundos, surgem uma série de sintomas: boca seca, tremores, taquicardia, falta de ar, mal-estar na barriga ou no peito, sufocamento, tonturas. Esses detalhes estão sempre presentes na memória de quem sofre dessa síndrome, também chamada de transtorno do pânico. “O distúrbio é uma das formas de manifestação da ansiedade patológica, uma das mais limitantes para a vida do paciente”, explica a psicóloga Adriana de Araújo, especializada no tratamento de fobias. Conforme a terapeuta, tais sintomas são muito intensos, acima do que poderia ser considerada a manifestação do grau mais alto de ansiedade.

Em alguns casos mais sérios, o professor pode desenvolver uma depressão. Depressão é uma doença que se caracteriza por afetar o estado de humor da pessoa, deixando-a com um predomínio anormal de tristeza. Todas as pessoas, homens e mulheres, de qualquer faixa etária, podem ser atingidas, porém mulheres são duas vezes mais afetadas que os homens. Em crianças e idosos a doença tem características particulares, sendo a sua ocorrência em ambos os grupos também freqüente.

Freqüentemente o indivíduo deprimido sente-se triste e desesperançado, desanimado ou abatido. Muitas pessoas com depressão, contudo, negam a existência de tais sentimentos, que podem aparecer de outras maneiras, como por um sentimento de raiva persistente, ataques de ira ou tentativas constantes de culpar os outros, ou mesmo ainda com inúmeras dores pelo corpo, sem outras causas médicas que as justifiquem. Pode ocorrer também uma perda de interesse por atividades que antes eram capazes de dar prazer à pessoa, como atividades recreativas, passatempos, encontros sociais e prática de esportes. Geralmente o sono e a alimentação estão também alterados, podendo haver diminuição do apetite, ou mesmo o oposto, seu aumento, havendo perda ou ganho de peso. Em relação ao sono pode ocorrer insônia, com a pessoa tendo dificuldade para começar a dormir, ou acordando no meio da noite ou mesmo mais cedo que o seu habitual, não conseguindo voltar a dormir. São comuns ainda a sensação de diminuição de energia, cansaço e fadiga, injustificáveis por algum outro problema físico.

Pensamentos que freqüentemente ocorrem com as pessoas deprimidas são os de se sentirem sem valor, culpando-se em demasia, sentindo-se fracassadas até por acontecimentos do passado. Muitas vezes questões comuns do dia-a-

dia deixam os indivíduos com tais pensamentos. Muitas pessoas podem ter ainda dificuldade em pensar, sentindo-se com falhas para concentrar-se ou para tomar decisões antes corriqueiras. Em casos graves de depressão, um indivíduo pode tentar até o suicídio.

## 4.2 PROFESSORES VÍTIMAS DA PROFISSÃO

Dentro de tudo que foi apresentado no presente trabalho, podemos perceber que hoje, na atual conjuntura da escola e da violência, a profissão de professor pode ser considerada como uma profissão de risco. Professores vivem acuados, com medo de exercer seu trabalho, sofrem violências de diversos tipos e pouco de fato foi feito a fim de proteger a classe.

Devido ao próprio aumento da violência e veiculação da mesma alguns debates já são feitos sobre o tema, e algumas iniciativas corroboram para uma contenção no problema como o projeto de lei contra a agressão contra professores. A tentativa de criminalizar a agressão contra professores partiu do deputado Rodrigo Rollemberg (PSB-DF) através do projeto de lei que prevê detenção de um a quatro anos para os casos de agressão física – nos casos de agressão moral, haverá multa ou detenção de três a nove meses de prisão. Se o agressor for menor de idade, ele deverá cumprir as penas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

A proposta define o Pnave (Programa Nacional de Prevenção à Violência contra Educadores), com previsão de implementação de medidas preventivas, cautelares e punitivas da violência contra professores, desde campanhas educativas a afastamento do aluno. Antes de ser votado no Plenário da Câmara dos Deputados, o projeto deverá ser analisado pelas comissões de Educação e Cultura; de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Atualmente, apesar de não ter leis específicas sobre a violência nas escolas, alguns casos violentos podem e são caracterizados em:

- **Art. 129 do Código Penal** (lesão corporal)
- **Art. 21 do Decreto-Lei 3688/1941** (Contravenções Penais)
- **Lei nº 11.340/2006**, denominada Lei Maria da Penha
- **Lei nº 10.741/2003** (Estatuto do Idoso)
- **Lei nº 8069/90** (Estatuto da Criança e do Adolescente) - ECA
- **Constituição Federal** - art. 1º, inciso III e 5º, X



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Diante do que foi exposto, percebemos que a violência está presente em todas as esferas da sociedade, e principalmente nas escolas. Nas suas mais diversas formas, ultrapassou os muros das escolas públicas e privadas e se disseminou na escola. Sua presença na escola, infelizmente é uma realidade antiga que se perpetua até os dias atuais.

A partir do que foi apresentado percebemos o quanto a violência é um fenômeno nocivo à sociedade na medida em que fere, e destrutura suas vítimas tanto físico quanto psicologicamente.

Percebemos um dos atores inseridos na escola que é constantemente vitimado pela violência que são os professores. Independente do tipo de violência sofrida por eles deixam marcas tão profundas que muitas vezes os impossibilitam de continuar a exercer suas respectivas funções.

O que se observa é que a profissão de professor pode ser considerada de risco no cenário atual da educação. Na medida em que a violência presente e latente na escola. Muitos sofrem ameaças, são desrespeitados e até sofrem violência física, e não possuem o devido apoio da própria instituição escolar nem das autoridades competentes a respeito deste problema e a situação só se perpetua.

Há alguns anos atrás, o professor era tido como autoridade de extremo respeito tanto fora como dentro de sala de aula, porém, com o passar do tempo isso mudou bastante. Hoje os professores, principalmente os da rede pública de ensino sentem medo e/ou insegurança no exercício do seu trabalho.

Este trabalho teve como objetivo entender o cenário violento atual vivido pelos professores, suas manifestações e consequências. Estes atos podem influenciar diretamente na vida destas vítimas refletindo inclusive na forma como estes profissionais irão atuar.

A educação é um fenômeno social e universal necessária ao desenvolvimento integral do indivíduo em sociedade. Por sua vez, a sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades, preparando-os para a participação ativa e transformadora nas diversas esferas da vida social.

Na esfera particular, percebemos assim que a educação não é prioridade e sim a comercialização do ensino. Fato evidenciado pela omissão por parte da escola particular sobre o fato, dependendo da condição financeira do responsável pela agressão.

Na esfera pública percebemos um total descaso por parte dos poderes públicos na medida em que ignora tal fato que só cresce no país. No dia que a educação for prioridade para o governo, existirá uma atenção, respeito e valorização da classe.

A partir do entendimento sobre a violência na esfera escolar, se faz necessário que pais, educadores a escola e a sociedade como um todo deem a devida atenção a este fenômeno crescente e perigoso que deve ser minimizado e se possível extinto das estruturas escolares. A escola deveria ser o lugar mais seguro e tranquilo para toda a sociedade.

Devemos entender também que apesar da violência nas escolas ser uma realidade, essa realidade pode ser alterada e transformada. A partir de um trabalho em conjunto de professores, pais e sociedade, um trabalho de conscientização pode ser feito, e essa realidade pode ser extinta.

**QUESTIONÁRIO P/PROFESSOR**

1. Qual a sua formação acadêmica?

**Pós-graduação.**

2. Há quanto tempo atua na área?

**16 anos.**

3. Você gosta do que faz?

**Amo dar aulas.**

4. Um dos temas bastante discutidos na nossa sociedade atual é a questão da violência. Gostaríamos de saber a sua opinião: Para você o que é violência?

**Ato de agressão ao próximo**

5. Quais são os tipos de violência que você nota, percebe aqui nesta instituição escolar?

**Violência oral, física.**

6. Em sua opinião, quais as causas da violência escolar?

**Falta de educação, da família, drogas...**

7. Como você sente, observa o relacionamento entre professores e alunos? Você acha que há violência nesses relacionamentos?

**Existe- professores agredem verbalmente seus alunos na turma.**

8. Você já se envolveu com algum tipo de violência? De que forma reagiu? Como se sentiu?

**Sim, quando não temos maturidade, também reagimos de forma agressiva.**

9. Na sua opinião, como combater o problema da violência escolar?

**Através do diálogo, para conscientizar o aluno.**

### **QUESTIONÁRIO P/PROFESSOR**

1. Qual a sua formação acadêmica?

**Licenciatura em Educação Física.**

2. Há quanto tempo atua na área?

**26 anos.**

3. Você gosta do que faz?

**Sim.**

4. Um dos temas bastante discutidos na nossa sociedade atual é a questão da violência. Gostaríamos de saber a sua opinião: Para você o que é violência?

**Total falta de educação doméstica, que gera todo tipo de violência.**

5. Quais são os tipos de violência que você nota, percebe aqui nesta instituição escolar?

**Depredação do patrimônio e agressividade.**

6. Em sua opinião, quais as causas da violência escolar?

**Não sei, são tantas.**

7. Como você sente, observa o relacionamento entre professores e alunos? Você acha que há violência nesses relacionamentos?

**Às vezes sim.**

8. Você já se envolveu com algum tipo de violência? De que forma reagiu? Como se sentiu?

**Nada significativo.**

9. Em sua opinião, como combater o problema da violência escolar?

**Família.**

## QUESTIONÁRIO P/PROFESSOR

1. Qual a sua formação acadêmica?

**Pedagogia, e pós graduação em educação especial.**

2. Há quanto tempo atua na área?

**Há 27 anos e 4 meses.**

3. Você gosta do que faz?

**Sim.**

4. Um dos temas bastante discutidos na nossa sociedade atual é a questão da violência. Gostaríamos de saber a sua opinião: Para você o que é violência?

**Qualquer tipo de atitude não coerente com as regras ou limites do local ou momento onde ocorrem.**

5. Quais são os tipos de violência que você nota, percebe aqui nesta instituição escolar?

**Verbal e às vezes física.**

6. Em sua opinião, quais as causas da violência escolar?

**Drogas, violência em casa.**

7. Como você sente, observa o relacionamento entre professores e alunos? Você acha que há violência nesses relacionamentos?

**Às vezes, principalmente se os professores não deixam claro suas regras desde o início do ano letivo.**

8. Você já se envolveu com algum tipo de violência? De que forma reagiu? Como se sentiu?

**Não.**

9. Em sua opinião, como combater o problema da violência escolar?

**Tentando conscientizar os alunos e familiares sobre o papel do professor e da instituição escolar, na formação de um cidadão ciente de seu papel na sociedade, seus direitos e deveres.**

**QUESTIONÁRIO P/PROFESSOR**

1. Qual a sua formação acadêmica?

**Pós-graduação em Gerontologia social.**

2. Há quanto tempo atua na área?

**Há 16 anos, no estado há 9.**

3. Você gosta do que faz?

**Gosto.**

4. Um dos temas bastante discutidos na nossa sociedade atual é a questão da violência. Gostaríamos de saber a sua opinião: Para você o que é violência?

**Não respeitar o próximo, questões religiosas e políticas, agressões físicas, verbais. Tudo que inflija a lei.**

5. Quais são os tipos de violência que você nota, percebe aqui nesta instituição escolar?

**Violência verbal, muito palavrões – não respeitam os colegas.**

6. Em sua opinião, quais as causas da violência escolar?

**Falta de base familiar, muitas drogas.**

7. Como você sente, observa o relacionamento entre professores e alunos? Você acha que há violência nesses relacionamentos?

**Não.**

8. Você já se envolveu com algum tipo de violência? De que forma reagiu? Como se sentiu?

**Já, mas não na atual escola (seqüestro na porta da antiga escola que trabalhava, a mando de um aluno).**

9. Em sua opinião, como combater o problema da violência escolar?

**Conscientizar os alunos, bem como seus familiares.**

## QUESTIONÁRIO P/PROFESSOR

1. Qual a sua formação acadêmica?

**Licenciatura em matemática.**

2. Há quanto tempo atua na área?

**Seis meses.**

3. Você gosta do que faz?

**Sim. Mesmo tendo pouca experiência, estou gostando muito.**

4. Um dos temas bastante discutidos na nossa sociedade atual é a questão da violência. Gostaríamos de saber a sua opinião: Para você o que é violência?

**A violência em suas diversas formas, física, psicológica, é uma agressão iminente dos seres vivos, a qual nos animais irracionais é uma forma de sobrevivência, e nos homens nos iguala a animais.**

5. Quais são os tipos de violência que você nota, percebe aqui nesta instituição escolar?

**Não percebo.**

6. Em sua opinião, quais as causas da violência escolar?

**Falta de educação dos pais, famílias desestruturadas.**

7. Como você sente, observa o relacionamento entre professores e alunos? Você acha que há violência nesses relacionamentos?

**Particularmente não. Mas já ouvi vários relatos.**

8. Você já se envolveu com algum tipo de violência? De que forma reagiu? Como se sentiu?

**Não.**

9. Em sua opinião, como combater o problema da violência escolar?

**Educação e respeito.**

**REFERÊNCIAS:**

ABRAMOVAY, M; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas.** Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, Brasília, 2009, 496 p.

ABRAMOVAY, M. (Org.) ; ANDRADE, E. R. (Org.); ESTEVES, L. C. G. (Org.) . **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** 1. Ed. Brasília: MEC, UNESCO, 2007. v. 27. 248 p.

ABRAMOVAY, M. (Org.). **Cotidiano das escolas: entre Violências.** Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2005. 404 p.

AMPARP, D. M.; ALMEIDA, S. F. C.; BRASIL, K. T. R.; MARTY, F. **Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico.** Brasília. UNB, 2010.

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Campinas, dez. 1998, Cad. CEDES V. 19, nº 47. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517...script...](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517...script...) em: 15 de maio de 2011.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência.** 2ª ed. RJ. Civilização Brasileira, 2010.  
ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J.Q. **Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores.** RJ: Fiocruz, 2010.

GOMES, Celma Borges. **A banalização da vida, suas consequências e seus condicionantes.** R.Ci. Méd. biol., Salvador, v3, n.1, p.89-107, jan/jan 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução F. Tomaz. Portugal: Difel, 1989.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullyng: o que você precisa saber.** RJ, Impetus, 2009.

\_\_\_\_\_. **Integração de escola e comunidade é fundamental para conter violência, defendem especialistas.** Disponível em: [www.r7.com.br](http://www.r7.com.br) Publicado em: 18 de abril de 2011.

LOPES, E. M. T.; FILHO, L. M. F.; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil.** Minas Gerais. Autêntica, 2003.

MARTUCCELLI, Danilo. **Reflexões sobre a violência na condição moderna.** São Paulo, 1999.



MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução L. Garcia. São Paulo. Ática, 2001.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo. Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. Pesquisa: Violência nas escolas. 2009. Disponível em: [http://www.udemo.org.br/2011/Pesquisa\\_2009.html](http://www.udemo.org.br/2011/Pesquisa_2009.html)

PINO, Angel. **Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo**. Educ. Soc: Vol. 28, n 100 Campinas out 2007.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying: e suas implicações no ambiente escolar**. 1ª Edição. São Paulo: Paulus 2009.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Violência e os meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea**. Porto Alegre, 2002.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro. Fontanar, 2010.

SILVA, Fábila Geisa Amaral. **Apresentando e analisando as causas e consequências da violência escolar**. Ceará. Blucher, 2004.

SOUZA, Mirian Rodrigues. **Violência nas escolas: causas e consequências**. Goiânia, 2008. Disponível em: [www.unifan.edu.br/files/pesquisa/artigo](http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/artigo) em: 19 de fevereiro de 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. Disponível em: [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos) em: 08 de maio de 2011.

ZARAGOZA, José Manuel Esteve. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução D. de Carvalho Cavicchia. São Paulo. Edusc 1999.